

## UMA PEQUENA HISTÓRIA DENTRO DE UMA GRANDE HISTÓRIA

Dr. Laís Marques da Silva

Custódio não alcoólico por nove anos e Presidente da JUNAAB por seis

“Somos pássaros de uma só asa e, por isso, precisamos sempre de mais um alcoólico para viver e voar”. Esse é um pensamento que frequentemente ouvi ao longo das décadas de convívio na Irmandade de Alcoólicos Anônimos.

Há uma pequena história, muito antiga, que nos ajuda a entender a fragilidade dos seres humanos, a sua necessidade de cooperar e, sobretudo, de nos darmos conta do quanto dependemos uns dos outros.

Na mitologia grega, houve um momento em que os deuses resolveram habitar o mundo e criar a humanidade. Assim, criaram os mortais, os seres vivos, e também as condições necessárias para a existência de todas as espécies que iriam coabitar na Terra. Encarregaram Epimeteu, cujo nome significa reflexão posterior, ou seja, aquele que só percebe a coisa errada depois que a fez, de prover os futuros seres vivos com os meios necessários à sua sobrevivência. Assim, foram dados a cada espécie os equipamentos necessários para que se alimentassem e resistissem às intempéries, como: peles, lã, carapaça, etc. e ainda para se defenderem uns dos outros: garras, chifres e velocidade na corrida.

Todas as espécies foram equipadas mas, no momento de criar o homem, tudo havia sido distribuído e nada sobrado. Epimeteu tinha esquecido dele e, assim, o homem continuava nu e desarmado. Para que essa espécie não desaparecesse, Prometeu, cujo nome significa previdente, foi chamado pelo imprevidente irmão, Epimeteu, e encarregou-se de roubar dos deuses o fogo e as artes para dá-las aos homens. Distribuiu então as artes de que dispunha mas elas não foram suficientes, em número, para dar um conjunto completo a todos os homens e, desse modo, deu talentos diferentes a cada um de modo que, para sobreviverem, deveriam intercambiar as suas dádivas e, portanto, cooperar entre si e o que resultou foi que todos se tornaram dependentes uns dos outros. Prometeu também moldou os homens de um modo mais nobre e os capacitou a caminhar de forma ereta e assim puderam se alimentar e resistir ao frio, mas continuaram não podendo se defender contra as outras espécies por não possuíram armas, embora o presente do fogo que Prometeu deu à humanidade tenha sido mais valioso do que quaisquer um dos que haviam sido dados aos animais.

Os homens procuraram então estar reunidos para se defender dos animais e se agruparam em cidades, mas não conseguiram viver juntos porque disputavam entre si e

frequentemente guerreavam uns contra os outros. Como conseqüência, dispersaram-se pela floresta e foram novamente ameaçados de extinção pelas outras espécies de animais.

Houve uma nova oportunidade de sobrevivência e, dessa vez, foi o próprio Zeus, o deus mitológico maior, que salvou os homens dotando-os de qualidades morais, de senso de justiça e de respeito a si mesmos, o que permitiu que cada um pudesse viver, em coletividade, com os outros. O gênero humano foi salvo mais uma vez e por isso, hoje, os homens vivem em comunidades e não isolados, como a maioria dos outros animais. Mas os homens continuaram frágeis e desamparados e é assim que nós somos e a nossa sobrevivência continua dependendo de que troquemos as nossas dádivas, as nossas riquezas interiores.

Nós, seres humanos, vivemos em associação com os nossos semelhantes e ela nos dá força e nos protege. Nascermos em família e sobrevivemos no convívio com outros seres humanos e daí que, para o alcoólico na ativa, vivendo no seu isolamento habitual, não há chance de saída do seu alcoolismo e nem de sobrevivência.

A vida é difícil. Encontrar o caminho que nela se vai trilhar é tarefa árdua. O caminho tem que ser feito em solo árido e pedregoso; e machuca. Não há indicações nem avisos. Nenhuma orientação. Em realidade, cada um de nós faz o seu próprio caminho ao longo da vida e o caminho é feito ao caminhar. Mas a boa notícia é que não temos que fazer o caminho sozinhos, pois podemos recorrer a um Poder Superior que nos dá força e do qual a maioria das pessoas tem consciência. Ainda mais, na medida em que vamos fazendo o nosso caminho, podemos nos ajudar uns aos outros, intercambiar os talentos que temos. Podemos trocar nossas riquezas interiores. Podemos trocar experiências, forças e esperanças. Podemos cooperar uns com os outros. Podemos nos solidarizar. Podemos ser tolerantes. Podemos desenvolver o amor ao próximo. Podemos nos compadecer. Podemos entender que somos irmãos.

Assim, aquele Poder Superior não estará apenas no meio de nós, como que espalhado num grupo de seres humanos, mas entre nós e presente enquanto e a partir do nosso inter-relacionamento fraterno, de irmãos. Desse modo, teremos condições de vislumbrar o caminho e encontrar coragem para trilhá-lo.

Como não é possível simplificar as coisas e obter respostas fáceis, temos que pensar de modo abrangente, aceitar os mistérios e os paradoxos da vida e não desanimar ante a multidão de causas e conseqüências que são inerentes a cada experiência humana. Enfim, aceitar e valorizar o fato de que a vida é complexa e que precisamos uns dos outros.

Agora, vamos ao homem e às suas instituições. No caso do A.A., os serviços definem o modo de ação; ela é uma irmandade em ação. No mundo em que vivemos, existem autoridades, líderes, governantes, chefes, etc. e, desde a nossa infância, nos acostumamos a recorrer aos nossos pais e àquelas outras autoridades citadas. Resumindo, nos acostumamos a procurar uma orientação que vem de fora. Essas autoridades se apóiam em dogmas, em normas estabelecidas ao longo do tempo, na força da imposição, ou seja, numa estrutura de poder. Mas em A.A. esse processo é muito diferente pois o que ocorre é a observância dos princípios morais no

relacionamento entre seus membros no dia a dia, mas quando da busca da definição de um caminho ou da tomada de decisões, as coisas evoluem de um modo muito peculiar e sábio. Historicamente, os co-fundadores eram solicitados para dar orientações, ideias, sugestões ou até mesmo para buscar soluções para novas realidades que iam surgindo em decorrência do fato de o A.A. ser uma Irmandade viva, em ação. Mas eles se deram conta de que as suas vidas eram finitas e que a Irmandade, tal como era, tinha que encontrar, por si mesma e em si mesma, os melhores caminhos para continuar viva e em ação. Seria algo como desenvolver um processo de autogestão, de gestão que vem de dentro, e esse modelo praticado se assenta no processo de busca da consciência coletiva que, desse modo, se constitui no alicerce desse modelo. Ele é a chave para o funcionamento da Irmandade e é baseado no fato de que o Poder Superior se manifesta em um determinado momento quando da troca de riquezas interiores e da cooperação que ocorre ao longo da busca da consciência coletiva.

Outro aspecto que gostaria de focar é o que revela a existência dos paradoxos que estão mais presentes do que pensamos nas nossas vidas, apesar do desconforto que causam diante da nossa formação racionalista. Diz-se até que alguma coisa só é verdadeira quando contém o paradoxo. É que o A.A. não muda, pois se baseia em princípios sólidos, cuja vitalidade tem-se mostrado extraordinária ao longo dos muitos anos da sua existência. Não muda mas muda. Aí está um paradoxo. Os animais pré-históricos que não mudaram também não mais existem e o A.A. não tem vocação para se tornar um dinossauro. O fato é que não muda na sua essência, mas se renova, se adapta, se atualiza a cada ano, porque a cada ano se repensa, pensa a si mesmo, e se mantém com vitalidade renovada após a realização de cada Conferência. Essa é a ideia-força que está subjacente a todo o processo da Conferência e que precisa ser identificada e conhecida. Alias, é essencial que seja identificada para que os membros que dela participam tenham plena consciência da importância do trabalho que realizam a cada ano.

A Conferência de Serviços Gerais tem uma exterioridade, ela é bonita, mas tem, sobretudo, uma essência, um conteúdo interior maior e mais importante. Tem uma roupagem e também um corpo igualmente muito bonito mas o aspecto que é preciso destacar é que a realidade não tem nada de simples. O mundo não é feito apenas em preto e branco, mas também de muitos tons de cinza e de todas as cores e suas nuances. A realidade se apresenta sempre sob múltiplos aspectos de tal modo que, frequentemente, não somos capazes de identificar, sozinhos, toda a complexidade de uma determinada situação. Mas, se ela for analisada também por outros companheiros, aí teremos a possibilidade de, participando da busca conjunta da consciência coletiva, alargar o nosso campo de visão e conhecer melhor para melhor decidir e melhor agir. Ao longo do processo da busca da consciência coletiva, passamos a pensar livremente e, sobretudo, pensar juntos, pacífica e prazerosamente.

Finalmente, vale ressaltar que, se a Conferência é colocada, especificamente, frente às realidades do A.A. do Brasil, isso não levará à conclusão de que resultariam irmandades muito diferentes nos diversos países do mundo e isso porque são realizadas Reuniões Mundiais, a cada

dois anos, das quais o A.A. de muitos países participa e nelas também se busca a consciência coletiva, a integração em um só corpo, sendo que as diferenças locais apenas enriquecem o todo e o A.A. será mundial e eterno, enquanto assim funcionar.